

CRISE CRÔNICA. Unidade suspende atendimento a pacientes por falta de itens básicos

Hospital Universitário vive caos

Sem ter como realizar procedimentos, equipes médicas ficam ociosas, enquanto milhares de usuários esperam meses na fila do SUS

MAURÍCIO GONÇALVES
REPÓRTER

Um hospital sem remédios é um hospital sem cura? Um hospital que suspende exames, consultas, internações e cirurgias por falta de material e de profissionais trata os doentes? Um hospital-escola vazio ensina o quê? É um hospital? A crise crônica que se arrasta há anos no Hospital Universitário (HU) sofreu um colapso agudo nas últimas semanas. O ataque se espalhou por artérias, afetou órgãos e deixou em coma o único hospital geral de Alagoas que atende pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Ameaça torná-lo um paciente vegetativo em quadro terminal. O mês de maio e o início de junho foram caóticos no HU da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Quase duzentas cirurgias foram suspensas,

internações e atendimentos básicos foram suspensas, a triagem de pacientes com câncer, interrompida, leitos da Unidade de Terapia Intensiva (UTI), da maternidade, pediatria, clínica médica ficaram ociosos. Os corredores quase sempre lotados e barulhentos foram tomados pelo eco peculiar a ambientes vazios.

As portas do hospital foram fechadas para a população carente por causa da falta de itens básicos, como analgésicos, luvas, gases e fios cirúrgicos. A estupefação chega ao ponto de faltar antibióticos, anti-inflamatórios e anestésicos no Centro Cirúrgico. Impossível operar, as equipes médicas ficaram quase duas semanas ociosas, enquanto milhares de pacientes esperam meses na fila do SUS.

Até água faltou, sessões de hemodiálise foram sus-

Parado

Maio e início de junho foram caóticos no HU. Até a semana passada, o cenário era de leitos vazios em três andares do hospital: Pediatria (3º andar), Clínica Médica (4º andar) e Clínica Cirúrgica (5º andar)

pensas. Um carro-pipa foi chamado às pressas para tratar o sangue de pacientes renais crônicos. A UTI geral ficou sem medicação para sedar os cidadãos internados. Sem os sedativos, as dores são insuportáveis. O atendimento foi reduzido pela metade, de 12 para 6 leitos.

"Na clínica médica, ainda está faltando dipirona, tylenol, luftal (para gases), captopril (para pressão alta) e ranitidina (para o estômago). Isso é básico para o dia a dia de um hospital, os pacientes sofrem", confirma uma auxiliar de enfermagem. Os funcionários confirmam as denúncias, mas temem se



Com cirurgia de vesícula marcada para agosto, Maria Nazaré Gomes (D) ainda não conseguiu fazer os exames do pré-operatório, porque o laboratório do hospital está fechado

identificar para não sofrer perseguições. Diante do caos, a solução encontrada foi interromper as internações.

"A clínica médica ficou praticamente parada, sem receber novos pacientes. Eu mesma vi um paciente, na clínica cirúrgica, que ficou sem curativo por falta de gaze", afirma uma servidora da Nefrologia.

Após esperar dois ou três meses, os pacientes com operações marcadas se deparavam com um aviso na parede de que as cirurgias foram suspensas. Até a semana passada, o cenário era de leitos vazios em três andares do hospital: Pediatria (3º andar), Clínica Médica (4º andar) e Clínica Cirúrgica (5º andar).

Na maternidade, todos os analgésicos são aplicados via venosa e intramuscular, sem exceção. Por um motivo tão banal quanto absurdo: falta analgésico de via oral. "O paciente sofre desnecessariamente, e a gente gasta seringa, agulha, algodão e álcool à toa", afirma a médica. **Leia mais na página D7 e D9**

Para não ver o paciente sofrer, famílias compram medicamentos

Esta semana, a *Gazeta* percorreu as instalações do HU durante dois dias, e constatou os problemas apontados por dezenas de profissionais, acadêmicos e pacientes. No laboratório, todos os exames foram suspensos. Nem mesmo um simples hemograma podia ser marcado, o que inferniza a vida de pacientes como a dona de casa Maria Nazaré Gomes.

Com dificuldade de locomoção e cirurgia de vesícula marcada para agosto, ela ficou aperreada quando não conseguiu marcar o exame de sangue do pré-operatório. "Disseram para voltar na semana que vem, e se eu não conseguir marcar de novo? Meu medo é perder a

data da cirurgia", lamenta. Nazaré mora em Rio Largo e tinha saído de casa com a filha, Valéria Gomes, às 6h30. Só foi consultada às 11h e, por volta de meio-dia, deu com a cara na porta do laboratório.

A aposentada Esther Paulo precisa retirar uma hérnia e tem consulta com o cirurgião para o dia 31 e não conseguiu marcar os exames. "Ôxe, acho isso uma coisa muito errada, a gente fica triste". Ela saiu do Jacintinho às 5h da manhã, mas a viagem foi em vão. "Não consegui marcar o Ecocardiograma, nem o exame de sangue".

Rotineiramente lotados, os setores de marcação de consultas e da cardiologia

também estavam vazios.

MEDIDA EXTREMA

Para não ver o paciente sofrer tanto, as famílias estão comprando os medicamentos que deveriam ser fornecidos pelo hospital público. "Alguns colegas aconselham, mas eu mesmo não oriento os parentes a comprar medicamentos", diz uma funcionária.

Chega ao cúmulo de médicos escreverem em prontuários e prescrições que faltam luvas, máscaras, medicamentos ou o cartucho da impressora.

Uma técnica de enfermagem com 15 anos de atividade revela já ter visto falta de material no HU, mas nunca num estado tão crítico como agora. **M6**